



# O ESPOZENDENSE

Semanao republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm. e propriet — José da Silva Vieira. — Editor: José da Silva Vieira Junior. — Comp. e impressão: Typ. Espozendense — Espozende

Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Noticias literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

\* \* \* DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA \* \*

UM ACHADO HISTÓRICO...

## Subsidios para a historia de ESPOSENDE

Para muitos que descrêm do valor histórico que assinalam a existência dum povo, duma tribo ou clan, todas as considerações são inoportunas e sem realidade definida. Para muitos que apenas dedicam os seus momentos de ocio a distrações puramente materiais, todo o movimento cultural que desenha nos acontecimentos de épocas passadas, são meras picuinhas que no seu debil entender, nada adiantam. Todavia, se concentrarmos o espirito numa meditação profunda e procurarmos interpretar o valor dos acontecimentos históricos que precederam e continuaram a vida dum agregado social, quer de forte quer de fraca contextura, não podemos deixar de reconhecer que são a explicação logica da evolução porque passaram os povos antigos de quem descendemos em linha recta ou culateral.

Se na apatia aos factos históricos, defendida por muitos, nos mantivéssemos numa indi-

ferença que só pode ser degradante, infalivelmente não teriamos uma história nacional nem regional nem provincial, ignorando-se o nosso valor, as nossas qualidades de povo empreendedor e civilizador que ao mundo deu exemplo. Dos vários estudos a que tenho procedido, arduos e dificeis pelalongevidade que os separa do momento presente, fálho de elementos auxiliares e de interpretação histórica, cada vez se finca mais em mim a grandiosa necessidade de estudar o passado para poder compreender o Presente e continuar o Futuro. Se hoje, pretendermos conhecer a nossa sociedade, as suas predilecções, as suas inclinações a onde tiveram a sua origem ou fonte, não faremos trabalho de observação conscienciosa, se nos contentarmos com a evidencia de factos presentes.

Se no dominio da politica desejarmos estudar as doutrinas actuais, esse trabalho para ser tanto quanto possivel exacto, terá de insidir sobre o alvorecer dos primeiros contactos de sociedades preliminares, teremos de prescrutar a concepção do mais antigo viver dos povos, desde as tribus nomadas ás sociedades mais perfeitas e com grau de

cio estende a mão e diz:

—E' o velho amigo que me visita...

Uma onda mais alterosa quebra enfurecida contra a negrura da penedia.

O velho saúda-a;

—Eh! canas! Eh! valente!

Tem assim frases pitorescas dum grande saber local.

Conta depois as razões da sua saúde, do espirito moço que aparenta:

—Deito-me quando as galinhas, mas levanto-me quando elas ainda dormem—ás 3 ou 4 da madrugada. O ar é mais puro, tonifica os pulmões .. E vou para o mar.

Estava a interessar-me a conversa do bom velho, em cujo olhar se descortinavam faiscas duma lucidissima intelligência. A-

homogeneidade bastante. Na litteratura, o mesmo acontece sendo de interesse o conhecimento das influências externas dos nossos autores, a vida que muitos levaram no estrangeiro, particularmente na Italia renascida. Ninguem que tenha passado os olhos por cima de opiniões literarias acerca dos sonetos de Camões, ignore que autores vários são de opinião de que se filiam na escola de Petrarca, que como Dante e Bocacio foram grandes vultos das letras italianas da Renascença. Assim, a modesta história das nossas vilas, aldeias e cidades, contribuiram para a história universal e em sentido mais restricto para a história nacional. Os povos mais fortes, mais cultos e mais civilizados idfluíram na vida dos que não possuíam essas qualidades. Os romanos na Peninsula Ibérica, pelo seu poderio, pelo seu viver, pela sua noção mais concertada da justiça, impuzeram leis, hábitos, costumes, crenças religiosas, e daí a romanização da mesma, que mesmo com o advento da sua decadencia, conservou até longa data as relações tida com os romanos. Ainda no que mais directamente nos diz respeito, observemos as nossas

quela máscara de rusticidade acoberta um homem de certa cultura—por ventura um filosofo, um excentrico.

Reparo que tem na mão esquerda uma tatuagem—o signo-samão.

Presente a minha curiosidade.

—Vê isto? Ah! não é nada.

Levanta-se, despe o gabão, ergue a manga da camisa. Todo o ante-braço aparece ocupado por larga tatuagem: é o calvário. —o monte, a cruz, a toalha, a lança, a esponja...

Vinita maravilha-se:

—E para que serve isso?

—Oh! minha linda menina: nós os homens do mar, sujeitamo-nos a muitos perigos. Isto é uma certidão da nossa fé religiosa. Morremos no mar? Somos arremessados á praia? A nossa alma tem ido para o seio

relações com a Espanha, os casamentos de reis portugueses com princessas da Espanha, as concessões territoriais, obrigações firmadas por pactos, e só então nos será possivel compreender o aspecto politico-social desde a Conferencia de Zamora até aos nossos dias. Nunca será de mais rebater a falsa noção de que o passado foi uma epoca de ignorancias e intelligencias pouco esclarecidas. Quando ouço falar e n luz do século XX, exaspero-me antetanta incompreensão. Quando analizamos hoje o regime de propriedade, o regime dos contratos, das successões, etc, nunca esqueçamos que nenhuma novidade pertence aos tempos modernos. Os romanos, por excelencia concededores do direito dele necessitando para regular as relações entre os homens, tiveram já as suas bases sobre propriedade, tiveram um sistema contractual e de successão, que nós como todos os povos copiamos e quando muito modificamos segundo as necessidades intrinsecas e nada mais. Quando se ouve falar em Ditadura, não é de igual modo novidade. Tiveram-na os romanos e entre outras a De Mário e Sila, aparece com relevo de valor. Pensou-se que o governo de

de Deus: o cadaver vai para a terra sagrada...

Descreve a sua fé, enaltece a grandezã de Deus.

Sabe inumeras anedotas. A graça e leveza com que conta!...

A talhe veio o nome de Padre Chasco—um velho fracário, creatura de *verve*, com certo ar cómico.

—O Chasco nunca perdeu a jogar o sólo, porque passava dez reis á mesa, e tirava um vintém de troco...

Tio Mauririo gaba a esperteza do padre. Aconchega-se melhor, ergue a gola do casacão:

—Um dia o mariola do padre foi ao Porto e uns amigos convidaram-no a ir ao teatro.

—Teatro? então um padre vai lá a essas folias; ó amigo Delfim?

F O L H E T I M

## Na Praia

(Excerto duma novela prestes a publicar)

I

(Continuação)

—A minha casa é aquela: quero-a sempre muito branca para a enxergar de longe, do grande mar: é o meu farol, o meu guia.

De facto, na orla da praia, sobre a duna, que as figueiras, as canas e os chorões seguram pelo poder cimentador das raizes, ha uma linda casinha muito branca, com janelas abrindo sobre o mar.

Muitas vezes as marés-vivas vão esparrimar, a frontaria, põem as vidraças a lacrimejar. Mauri-



muitos era prejudicial e então surgiu o governo de um só homem com fortes poderes de comando—eis o que ainda hoje significa a palavra ditadura. Regimen corporativo, tiveram-no também os romanos, agrupando dentro da mesma classe um determinado ramo de actividade humana, fortalecendo-se pela união íntima as suas relações com os outros homens—ainda hoje tem o mesmo significado. Deste modo fácil se torna ver que nós não inovamos apenas aproveitando, limamos arestas e dentro dos nossos conhecimentos aperfeiçoamos sistemas que são entre os de hoje a lei de todos. Uma vez mais fica demonstrado que o passado tendo influencia sobre o presente, deve ser estudado com carinho e só dele obtemos luz e conhecimentos para explicarmos o que há de misterioso e chocante nas transformações politico-sociais dos povos.

Se por um lado reproveo a indolência de muitos nos assuntos históricos, por outro bem comprêdo a sua razão de ser pela aridez que provocam e concomitantemente o seu abandono. Mas, seria de justa interpretação deixarem sem critica deshonestos os que por eles se interessam. Tudo isto vem a propósito dum artigo publicado em 1922 no jornal «A PÁTRIA», do Rio de Janeiro, de 28 de Julho «**O que foi e o que é Esposende**», onde se lê: «Esposende é uma villa de Portugal muito progressista e muito antiga. Sobre a origem desta villa muitas são as opiniões. Já afirmaram alguns, Xavier Viana, que procurou desvendá-la por completo, chegando á conclusão de que Espósende devia a origem a uns homens que nos meados do século XVI,

Mas tanto o convencem que aceita.

Um dos actores, num transe de morte, pede um sacerdote em altos gritos:

—«Um padre! um padre Ai que morro sem confissão...»

É o pretense assassino, de trabuco fumegante:

—«Mais depressa chegarás ao inferno...»

Chasco impressiona-se, julga aquillo verdadeiro, pretende exercer seu munus sacerdotal:

—«Eh! ó amigo! Isso não vai assim! Estou fora da minha jurisdição, mas em casos sérios, *in articulo mortis*, muda de figura; sem confissão, é que o homem não morre... Eu vou lá, eu vou lá...»

E pula para o palco. Foi o melhor do espectáculo...

O excelente tio Mauricio conta isto com fina *verve*, os o-

talvez em 1553, pouco mais ou menos, vieram das Marinhas (freguesia pertencente actualmente a esse concelho) e lá se estabeleceram para explorar o comércio da pesca. Esta opinião foi corroborada por Pinho Leal e pelo Padre Carvalho, na sua *Corrografia*. Outros alteram essas opiniões, devido ás controvérsias, afirmando que no século XII ou XIII naufragaram na costa de Esposende uns navios de corsários franceses ou hespanoes que, vendo-se sem recursos, ahí se estabeleceram, fazendo com os restos dos navios umas tendas e viela. Seduzidos pelo sitio ameno e a boa disposição do terreno para a suapiratagem, foram construindo casas, formando assim aldeia. Entre esses homens vinha um que tinha o nome «Espuzende», que deu o nome ao lugar que fundaram e que depois passou a chamar-se «Esposende». Não tem pois a origem nada de espanhol nem de francez.

Outra opinião—a de José Augusto Vieira—afirma que essa villa deve a sua fundação aos romanos, pois tendo eles o dominio da cidade «Aguas Celenas», hoje denominada Fão, importantissima no principio da nacionalidade portuguesa, tomada e retomada diversas vezes pelos romanos aos mouros quando da guerra peninsular. São três opiniões diferentes.

De uma forma ou de outra, o certo é que Esposende progrediu muito. Em 1807 e 1808 fizeram-se na barra alguns melhoramentos, obdecendo a um plano gigantesco e elaborado pelo engenheiro Custódio de Villas-Boas. Esse melhoramento consistiu em tornar a rionavegavel até Braga, por meio de um bem estudado encanamento, de que ainda

lhos a rirem-se. Nós achamos infinita graça á anedota que é inédita.

\*

O mar sóbe. Epoca de águas-vivas, a maresia rodopia; e, em cavalgadas doidas de fúria, quere atingir o feiro, entrar nas casas. Sobre vagas corpulentas como montanhas, embalam-se maretas de espuma, que se desfazem, na areia e esparriam o costado do barco. Saímos. O velho lobo do mar entusiasma-se, estende a mão num gesto amigo, como a suster as águas:

—Eh! canas! Ai valente!... E descendo lesto;

—Não há nada maior que o mar!

Manuel de Boaventura.

(Continúa)

se vêm vestígios no «Marachão», perto da freguesia de Rio Tinto».

Esta é a primeira parte do referido artigo e a que de facto nos interessa.

Tem sido para os historiadores grande dificuldade, determinarem com precisão a origem de muitas terras portuguesas, quasi todas cenário de terríveis lutas. A verdade é que a história tem de fazer-se, mas é obvio que os argumentos sejam logicos e compreensíveis de molde a harmonizarem-se as exigencias de todos. Xavier Viana, sendo de opinião que os habitantes de Esposende vieram das Marinhas em meados do século XVI, chega á conclusão rapida da sua fixação mas não chega a explicar a sua origem. No entanto, não é de todo errada esta opinião, pois existindo nas Marinhas diversas salinas, possível é que estes homens viessem até Esposende por condições mais favoráveis para o exercicio da sua actividade—a pesca.

Franceses ou espanhois não é de admitir porque nessa epoca os franceses se encaminharam mais para o Mediterraneo, e mesmo porque o seu espirito de aventura era ainda embrionário.

Destes temos tristes noticias quando das invasões napoleonicas, roubando, devastando e incendiado casas e aldeias inteiras, tendo ultimamente apparecido objectos em prata que arditosamente escondiam na esperança de levarem quando cá voltassem. Tal não succedeu... A maior parte dos escritores inclina-se para os romanos. Até certo ponto, conhecendo a sua obra, os seus monumentos, fortalezas, etc., também não me oponho grandemente que Espósende é de origem romana. Há no nosso concelho estradas que são nitidamente romanas. Há nomes que se assemejam aos usados pelos romanos, mas a sua vinda deve a meu ver ter sido mais tarde, isto é, depois da penetração na Espanha. Até aí, há um outro povo que tem sido pouco falado neste capitulo e que com maioria de razão explique a origem de Esposende.

Quero-me referir ao povo **Fenicio**, esse verdadeiro navegador, aventureiro de classe e pirata por excelencia. Não é pela sua civilização, não é pelo que nos deixou que podemos tirar essa ilação, mas pelo que há de parecido nas gentes dessa epoca e das manifestações reveladas pelos de agora. Os fenicios, quando se preparavam para o saque e não o podiam consumir, satisfazião-se destruindo. Ha bem poucos anos, quando do naufragio do vapor de carga «Lagoa»,

os habitantes duma aldeia proxima de Esposende, na emboscada da noite, pretenderam trazer alguns pianos. Mas, como isso fôsse impossível, destruíram-nos ás machadadas. Este pormenor ainda que isolado é talvez luminoso para uma rectificação histórica, cabendo em séguida aos romanos a supremacia nos destinos destas paragens.

Os romanos nunca foram grandes navegadores mas sim conquistadores. Por isto, deve a origem de Esposende estar mais ligada ao povo fenicio do que ao romano, tanto mais que sendo esta terra ribeirinha é de presumir com visos de verdade que fôsse um povo também ribeirinho que a procurasse para nela exercer a pirataria e pesca.

Lourenço Marques  
25-2-939.

Domingos Gomes.

## Tudo mentira na vida!...

a M. C. R. Ferrelra

As alegrias da vida  
São branca nuvem que passa!  
De tanta máguia sofrida  
Até bemdigo a desgraça.

Cheio de dôr e tristeza  
Muitas lagrimas vertil  
Mas poder ter a certeza  
Que não mais choro por til!

Eu que sofri tanto, tanto,  
O meu desgosto profundo,  
Troquei agora o meu pranto  
Pela alegria do mundo!

Teu desprezo, teu desdem,  
Já não me causa penar!  
Há por esse mundo além  
Muita mulher para amar!

Tudo ilusões, desenganos!  
Tudo mentira, ironia!  
Um amor de longos anos  
Morre ás vezes num só dia!

E' o destino quem traça  
A sorte dos ser's mortais  
E em cada hora que passa  
Cada vez te esqueço mais!

Eu não mais sinto desejos  
De te querer e amar!  
E tenho pena que os beijos  
Não se possam destocar!

Jesus Cristo, o Redentor,  
Quiz sofrer por toda a gente!  
Tu, choraste a tua dôr  
Sofrendo por mim sómente!

Apesar do que te digo  
Nestes meus versos banais,  
Esquecer-te não consigo,  
Cada vez me lembrás mais!

Neste inferno permanente,  
Nesta luta d'incerteza,  
Bailam-me sempre na frente  
Os teus olhos de tristeza.

Porfirio de Souza Martins.

Do livro em preparação—«Trovas e Saudades»  
14-3-939.

**PASSA-SE A  
CASA HAVANEZA**



## UNIÃO NACIONAL

## Uma série de conferencias culturais

(Continuação do n.º 1.591)

As conferencias que vão ser proferidas obedecerão aos seguintes temas:

## I—Filosofia Geral

1—O que é o movimento dos Sem-Deus na U. R. S. S.—perseguições e arbitrariedades—Propaganda apoiada sobre a mentira e a calúnia—Retrocesso a velhos cultos satânicos.

2—Critica do conceito evolutivo das religiões e refutação dos principios marxistas-leninistas.

3—Critica da doutrina marxista do conhecimento.—As teses marxistas e a realidade.

4—Aristóteles e S. Tomaz d'Aquino na História das Ideias politicas.

## II—Filosofia e Ciência

1—A Ciência e a concepção naturalista do Homem. A Pessoa Humana.

2—A Ciência e o filosofismo dos séculos XVIII—XIX, conduzindo à anarquia mental.

## III—Filosofia social e politica

1—Determinantes longínquas e causas próximas do demo-liberalismo.—O século das luzes e as consequências politicas do Contrato Social.

2—Origens, características e consequências da Reforma no dominio social e no dominio politico.

3—Revolução francesa—Parlamentarismo.

4—Democracia e demofilia.

5—Antagonismo entre o espirito enciclopedista dos sistemas demo-liberais e a especialização técnica exigida pela via-moderna.

6—Capitalismo, industrialismo e marxismo e a concepção naturalista do Homem.

7—Refutação do materialismo histórico.

8—Critica ao socialismo utópico dos idealistas e do socialismo revolucionario dos marxistas.

9—Origens filosóficas do comunismo—Génese da doutrina económica do comunismo—O comunismo é, conforme a afirmação de Salazar «a síntese de todas as revoltas tradicionais da matéria contra o espirito e da barbaria contra a civilização».

10—Refutação dos erros do liberalismo e do socialismo, á luz da clássica distinção entre individuo e pessoa.

11—Critica do individualismo e análise das suas consequências sociais e politicas—Os

Direitos da Família e os Deveres do Homem. A posição da Família no Estado.

12—Aspectos sociais da Constituição do Estado Novo. Principios do Corporativismo português.

13—Características da organização corporativa portuguesa.

14—Características do Estado português em face dos outros nacionalismos. A politica subordinada á ética.

15—A mulher na ordem nova.

16—Os conceitos da Autoridade e do Estado. A função de propriedade e o conceito do Trabalho. O problema do salário a condenação da usura.

17—Exposição e definição do verdadeiro conceito do Bem Comum, o elemento indispensavel do interesse nacional.

1—A Constituição da Nação portuguesa como resultado das cruzadas do Ocidente. A Fé e o Império.

2—As Ordens religiosas ao serviço da Nacionalidade.

3—As Ordens religiosas e a sua influência nas descobertas e nas Conquistas. A sua missão civilizadora. O Trabalho nos dominios. Missões.

4—A deformação da História iniciada no século XIX. A Historia ao serviço da Revolução liberal.—Quebra da unidade nacional. A anarquia mental. A geração de 70 e o significado do seu isolamento da vida publica. A tentativa de Oliveira Martins e a lição que encerra.

5—Desorganização económica e financeira. Decomposição mental e politica.

6—As Ditaduras no regime demo-liberal.

7—O Exercito na Monarquia liberal. Incompreensão da reconquista e da ocupação africana. O Rei e Mousinho. As cartas de Mousinho.

8—Os regimes baseados em conceitos errados do homem e da sociedade desiludiram sempre os que sinceramente os serviram no periodo de propaganda.

9—O alto sentido civilizador do Acto Colonial português.

10—A LUSITANIDADE —Lançamento deste termo e explicação do seu significado histórico. Uma das mais antigas nações da Europa que levou a cabo as mais belas façanhas da História de todos os povos «dando novos mundo ao Mundo».

## S. José

No passado domingo, embora esquecido dos operarios, foi festejado o glorioso Patriarca S. José.

## ESTADO NOVO

Ha uns tempos para cá toda a gente, no nosso paiz, finge ser convictamente, do Estado Novo. E no entanto, poucos são os homens, á nossa volta, a quem tal designação, sobremaneira honrosa, inteiramente caiba.

Numa época em que o mundo, anematisando falsos principios, procura erguer-se do seu decaimento de anos, só com sentimentos novos, capazes de o impulsionarem a grandes feitos, o homem de hoje é capaz de ganhar, como cavaleiros dos novos ideais portugueses, as suas esporas de ouro.

Só somos do Estado Novo, quando edificamos.

Com sentimentos derrotistas, jamais merecermos, na luta contra a decadencia nacional, os louros dos triunfadores.

E, como a verdade do Estado Novo, reside, sobretudo, no corporativismo, é no seu desenvolvimento que temos de mostrar, pelos nossos maiores esforços, a nossa capacidade construtiva.

Não levaremos avante as nossas doutrinas, sem as impormos por forte e permanentes realizações. E por isso, só trabalhamos, a valer, pelo Estado Novo, quando fugindo a abstrações—com espirito práctico—as concretizamos, á custa de esforços; em obras e factos.

Todos, de-certo conhecem as palavras de Socrates ao dizer a Gorgias que os atenienses dedicavam grande respeito a alguns politicos cujo valor exaltavam como obreiros da grandeza do Estado, quando eles apenas tinham enchido a cidade de fortalezas, de arsenais e de muralhas, sem a isso juntarem a temperança e a justiça.

Temperança e justiça, em Portugal só as poderá haver, quando o corporativismo, em vez de ser, como hoje, um feixe de tentativas, fôr, com toda a suas organizações, uma indiscutivel realidade.

Ser pelo Estado Novo, só porque a ordem, graças á força publica, reina nas ruas, nada é. Para que, dentro do Estado Novo, nos possamos julgar alguma coisa, necessitamos pôr ao serviço das suas realizações, quantas possibilidades, á custa de sacrificios mesmo de nós possamos tirar.

Já lá vai o tempo em que os homens se orgulhavam de «saber destruir brilhantemente»!

A hora que passa,—nunca cremos demais afirmá-lo—é de

construção, e não, como muitos parecem querer—mesmo entre os que se dizem do Estado Novo—de destruição e de morte.

Há muito que destruir?

Temos, dentro e fora de nós, muito que combater?

Está certo.

Mas, edificando sem cessar quando temos em vista, o que é preciso que acabe, pouco e pouco, sem o notarmos quasi, se irá aproximando do fim.

O Estado Novo é uma obra de fé. Para se pertencer ás suas hostes, em vez de perder o tempo com palavras, preciso se torna portanto,—ainda mesmo quando a vida nos não sorri,—abrir o coração ás grandes crenças nacionais, impondo, aos fracos, a certeza do triunfo. Porque doutro modo, só a fingir, como acima dissemos, poderemos afirmar-nos, entre os que de facto o são, do Estado Novo.

J. C.

(Do Correio do Minho)

## NOTÍCIAS DE FÃO

## Delivrance

Teve com extrema felicidade, a sr.a D. Noémia Pinto de Campos Pimenta, esposa do nosso amigo Dr. Júlio Albino Alves Pimenta, distinto medico nesta localidade.

Ao recém-nascido desejamos-lhe um futuro risonho e prospero, e aos pais vão os nossos sinceros parabens.

Realizar-se-á, no dia 17 de Abril proximo, isto é, após o termino da festa do Bom Jesus, na Associação dos Bombeiros Voluntarios desta freguesia, um jantar de confraternização, estando para esse efeito, abertas várias inscrições. E' seu organisador o nosso amigo e presidente daquela corporação, Americo Fernandes Pereira. Talvez, que, esse jantar seja o rastilho para a nossa corporação progredir cada vez mais, e assim, poder apresentar-se ao lado das melhores corporações do paiz.

## Falta que deve sêr suprida.

E' as autoridades consentirem, que em pleno dia, se carreguem carros de «estrupe».

Ainda, num dos dias da presente semana, eram 9 e 11/2, ao passar-mos num dos lugares de mais movimento desta freguesia, fomos vitima de um cheiro insupportavel que nos levou a mudar de rua.

Alguem nos disse que nesta época se podia, fazer aquele trabalho a qualquer hora, no entanto não achamos justo esse



modo de vêr.

Porque não se fixam horas especiais para se fazer esse serviço!

Por exemplo das 6 ás 8 e das 18 ás 20.

O asseio na nossa terra, quer no verão ou inverno deve-se sempre manter, para assim, aqueles que nos visitam levarem as melhores impressões da nossa tão falada praia de banhos.

Estamos convencidos que não será preciso vir novamente divulgar este assunto.

Com vista a quem de direito.

### Avelino Gonçalves da Silva

Com sua ex.tra familia, retirou para a cidade de Barcelos, onde se foi estabelecer, este nosso bom amigo e antigo ourives desta vila.

## NECROLOGIA

Faleceu na ultima segunda-feira, nesta vila, o snr. Manuel Gonçalves Rites, de 76 anos de idade, que há anos se encontrava de cama.

Paz á sua alma.

\*

### João Albino da Silva

Tambem faleceu há dias, na linda princesa do Lima, o nosso bom amigo, snr. João Albino da Silva, distinto ilusionista português. Este dintinto amigo, deu aqui inumeros espectaculos em beneficio do nosso hospital e outras casas.

O finado era irmão do nosso bom amigo e assinante snr. Alberto Vieitas da Silva, empregado dos faróis, aposentado, a quem enviamos o nosso cartão de sentidos pesames, bem como á restante familia.

### Sopa dos pobres

Segundo nos informam, parece ter sido suspensa a refeição diaria que era distribuida aos pobres.

Sera verdade?

## PELO TRIBUNAL

Ficou mais uma vez adiado o julgamento da ação ordinaria por simulação de bens, em que são autoras—Ana Rita Gonçalves Hipolito e irmã, e Réus Joaquim Gomes Tomé Junior, e outros; todos da freguesia de Apulia, desta comarca.

As autoras são representadas pelos Ex.mos snr.s Dr. Martinho de Faria, como advogado, e Manuel de Faria, como solicitador, e os réus pelo Ex.mo sr. Dr. João Valença, de Viana do Castelo.

Intervem neste julgamento 35 testemunhas, sendo: 15 das autoras e 20 dos réus.

O julgamento desta acção é feito sob a presidencia do mere-tissimo Juiz de Direito desta comarca, Dr. Jaime da Encarnação Rebelo, tendo co no adjuntos os Ex.mos srs. Juizes, Drs. João Teixeira Direito e José Cardoso de Menezes, das comarcas de Vila do Conde e Povoa de Varzim.

Valôr da acção: 10:500.000.

Realizar-se-á, com o mesmo tribunal colectivo, no dia 20 do proximo mês de abril, pelas 12 horas, o julgamento dos réus Virgilio Dias Passadiço e mulher, Maria Martins Carneiro, desta vila, acusados de terem furtado, ao Dr. Sousa e Costa, notario, da casa de sua habitação, varios objectos de ouro e roupas.

E seu advogado officioso, o Ex.mo snr. Dr. Antonio Abreu.

### Desterrado

Vindo de Alijó, encontra-se nesta vila, desterrado o quarto réu condenado naquela comarca a desterro.

### Feira de gado

No próximo dia 2 de Abril, o Largo de S. Roque, em Goios, mais uma vez vai ser ocupado, pela «Bobina», das Marinhas, para a reunião de gado inscrito naquela sociedade.

## COISAS...DE FÃO

Ao escrevermos estas linhas não temos em vista maguar quem quer que seja, mas é nosso fim detender os interesses da nossa terra e chamar a atenção a quem de direito para certas coisas.

Não compreendemos como se estão a executar os trabalhos de calçamento da Rua Serpa Pinto—Pedreiras.

Ali deve existir grande engenharia,—alta engenharia! Então como se concebe a ideia do pavimento da rua ficar mais alto que a entrada de certas (de grande numero) de casas?

Passarão as entradas—dessas casas a aquedutos na época das chuvas?

Temos falado com vários moradores dessa rua e vimo-los maguados com tal disparatel... Chamamos a atenção, por consequinte, para um trabalho que embelezando a rua envergonha os seus moradores.

E agora outra coisa. Onde começa a rua das Pedreiras? Teria o limite da rua mudado e as primeiras casas do nascente passado para Fonteboa?

Não chegará a verba para a execução do serviço? Concerdamos. Porém as coisas começam pelo... principio.

\*

Mudemos, agora, de campo e entremos noutro assunto que nos faça desopilar a figadeira e nos alegre um pouco. Vamos falar nas festas do Senhor de Fão, nessas festas que os jornais já anunciam, uma vez que se sabe que o reclamo é tudo. Então este ano vamos ter festas graúdas não é verdade? Os rapazes das Pedreiras, esses simpáticos fangueiros, esses impulsionadores desta festa merecem o carinho e admiração de todos os bons filhos de Fão. Quantos sacrificios, quantas canseiras, quantos dissabores durante o ano para conseguirem o seu desideratum, o seu fim em vista. E no proximo dia 16, lá os veremos alegres e satisfeitos ao fazerem entrada no arraial com a esplendida banda, salvo erro, dos Bombeiros Voluntarios de Fafe. *E' assim seus tésos.*

E a outra parte?—Essa é mais completa—pois até nem faltará a *charanga* de Belinho (*perdão*) dos Bombeiros Voluntarios de Fão!!!

Isto sim! Isto é que é gente! Até já temos música!

E como a música não *deverá* levar dinheiro, o arraial e o fogo vão ser deslumbrantes. Nunca as festas tiveram tão bela iluminação e nunca lá se queimou fogo como será o deste ano.

E mais do que isso! Muito mais, caros leitores! Este ano não haverá qualquer discussão, por causa do corêto! Se necessário fôr a banda dos *nostros* bombeiros irá tocar para o corêto que o *Manuel da Ana* pintou! Íde á festa, ide vêr as entradas, aproximaivos dos corêtos e no fim vereis como eles dirão que a *melhor* música, sem dúvida, é a *nossa*, a dos *nostros* bombeiros! Por hoje ficamos por aqui, pois o programa é vasto e temos ainda muito que vos contar das festas deste ano nos proximos numeros.

\*

Desculpe esta massada amiccissimo Vieira. Só lhe peço que vá ver as obras e depois escreva sobre elas alguma coisa ao correr da...pena. Sobre a festa, ainda, é cêdo para o convidar, porém lá contamos com você a assistir ao despique das *bandas* e ao estoirar dos foguetes.

Adeus, caro amigo, até ao proximo numero em que tencionamos voltar á festa e a falar qualquer coisa sobre os *nostros* bombeiros Voluntarios. (Continúa) SEM PIO.

### Manuel Boaventura

Vimos na ultima quarta feira, nesta vila, o illustre Chefe do Districto Escolar de Braga, snr. Manuel Boaventura.

Agradecemos a sua visita feita á nossa redação.

### Bombeiros Voluntarios

Passou mais um aniversario, no passado domingo, dia 19, a Associação dos *nostros* Bombeiros Voluntarios.

### Vai ser restabelecida a hora legal

Pelo Ministerio das Obras Publicas vai ser publicada uma portaria determinando que a hora legal seja aumentada 60 minutos ás 23 horas do dia 15 de Abril proximo e que a mesma seja restabelecida ás 24 horas de 7 para 8 de outubro.

## Mudou para Barcelos

**Avelino Gonçalves da Silva, participa aos seus fregueses e amigos que mudou o seu estabelecimento de Ourivesaria e residencia para a cidade de Barcelos, onde se encontra para atender todos os seus clientes.**

### Bom emprego de capital

#### Optima compra

Facilita-se o pagamento, e, vende barato, o prédio onde muitos anos, n'esta vila, foi a Ourivesaria Silva.

Ver os anuncios afixados n'este predio.

Para a ver ir á Casa Loza.

Para tratar, consultar com o solicitador desta vila, snr. Adriano Lima.

O seu proprietario reside em Barcelos.

### Em Fão--VENDE-SE

Vende-se por 4.000.000, escudos, quatro contos, as casas que foram do Bom Homem, na rua das Pedreiras.

Facilita-se o pagamento.

Falar com o proprietario, em Barcelos.

